

# A teologia antropológica de Ludwig Feuerbach

## Anthropological Theology of Ludwig Feuerbach

*José Elenito Teixeira Morais\**

**Resumo:** Este artigo procura apresentar Ludwig Andreas Feuerbach, influente pensador alemão, nascido em 1804 e falecido em 1872 e a sua teologia ou filosofia da religião. Apesar de muito influente, é pouco pesquisado por brasileiros, principalmente, pois está entre dois grandes filósofos, Hegel e Marx, o que lhe ofusca o brilho de sua filosofia e também por causa da crítica aguda que faz ao cristianismo. A proposta é apresentar a vida e as obras de Ludwig Feuerbach, a sua interpretação da teologia como antropologia, Deus como projeção do ser humano e a religião como criação imaginária.

**Palavras-chave:** Ludwig Feuerbach, Teologia, Antropologia.

**Abstract:** This article presents Ludwig Andreas Feuerbach, the influential German thinker, born in 1804 and died in 1872 and its theology or philosophy of religion. Although highly influential, is little researched by Brazilians, mainly because it is between two great philosophers, Hegel and Marx, which overshadows the brilliance of his philosophy and also because of the sharp criticism it does to Christianity. The proposal is to present the life and works of Ludwig Feuerbach, his interpretation of theology and anthropology, as a projection of God and religion as a human being imaginary creation.

**Keywords:** Ludwig Feuerbach, Theology, Anthropology.

---

\* Bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Metodista Izabela Hendrix, Belo Horizonte, graduando em Psicologia e Mestrando em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade Federal de São João Del-Rei, UFSJ. E-mail: joseelenito@yahoo.es.

## Vida e obra de Ludwig Feuerbach

Para entender a teologia de Feuerbach é necessário situá-lo no espaço-tempo. Ludwig Andreas Feuerbach nasceu em Landshut, sul da Alemanha na Baviera em 28 de julho de 1804. Foi batizado na Igreja Católica, mas educado no protestantismo. Filho de um conhecido e douto jurista, Paul Johann Anselm von Feuerbach, fundador da moderna doutrina do direito penal da Alemanha, com a teoria da dissuasão psicológica; foi o autor do Código Penal da Baviera de 1813. Ludwig Feuerbach foi um aluno tranquilo, dedicado ao estudo do grego, hebraico e da Bíblia no ginásio. Desejava ser pastor evangélico e por isso começou a estudar teologia. Depois de estudar teologia em Heidelberg e filosofia em Berlim, com Hegel (1824-1825), continuou os seus estudos em Erlangen (1826-1828), onde foi professor adjunto. Feuerbach afasta-se do idealismo hegeliano para se tornar seu crítico radical. A principal crítica de Feuerbach a Hegel é que “a filosofia de Hegel é sempre uma teologia porque parte da consideração acerca do ser infinito. Uma teologia é sempre, [...] uma antropologia, e, portanto, o objetivo da filosofia consiste em reconhecê-la como tal”.<sup>1</sup>

Casou-se em 1837 com Berta Löw, co-herdeira do castelo de Bruckberg e de uma manufatura de cerâmica instalada nessa cidade. Não conseguiu uma cátedra titular, devido ao seu posicionamento sobre a religião e viveu retirado em Bruckberg (1824-1860) e em Rechenberg, perto de Munich (1860-1872), onde morreu em 13 de setembro de 1872.<sup>2</sup>

O posicionamento filosófico de Feuerbach está entre o Idealismo Alemão,<sup>3</sup> de uma parte e, de outra, o materialismo histórico de Marx<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Cf. SOUSA, 2009, p. 92

<sup>2</sup> Cf. MORA, 1965, p. 649

<sup>3</sup> O Idealismo constitui o nome da grande corrente filosófica romântica que se originou na Alemanha no período pós-kantiano e que teve numerosas ramificações na filosofia moderna e contemporânea de todos os países. Por seus próprios fundadores, Fichte e Schelling, esse Idealismo foi denominado “transcendental”, “subjetivo” ou “absoluto”. (Cf. ABBAGNANO, 1998, p. 524)

<sup>4</sup> Materialismo histórico de Marx: com este nome Engels designou o cânon de interpretação histórica proposta por Marx, mais precisamente o que consiste em atribuir aos fatores econômicos (técnicas de trabalho e de produção, relações de trabalho e de produção) peso preponderante na determinação dos acontecimentos históricos. O pressuposto desse cânon é o ponto de vista antropológico defendido por Marx, segundo o qual a personalidade hu-

e o materialismo cientificista da segunda metade do século XIX.<sup>5</sup> Este posicionamento é caracterizado pela inflexão antropológica que Feuerbach imprime a algumas categorias herdadas de Hegel.<sup>6</sup> Feuerbach fez parte da chamada esquerda hegeliana<sup>7</sup> juntamente com Bruno Bauer, Edgar Bauer, Friedrich Strauss, Arnold Ruge, Theodor Echtermeyer, Karl Marx, Friedrich Engels, Ferdinand Lasalle e Max Stirner. Esse grupo se caracterizou, principalmente, por fazer uma reinterpretação antropológica do pensamento de Hegel.

Na apresentação da obra de Feuerbach, *Preleções sobre a essência da religião*, Rubem Alves explica que o nome Feuerbach significa literalmente ribeiro de fogo. “E nele o nome corresponde aos fatos: não é possível atravessá-lo sem se queimar”.<sup>8</sup> Isso se deve à sua posição crítica em relação à teologia e aos filósofos metafísicos. Nesse caso a pessoa que passa pelo pensamento de Feuerbach tem um esclarecimento maior sobre as origens e dimensões da religião. E o queimar seria expurgação da noção religiosa vigente. Devido a isso Feuerbach é considerado um divisor de águas tanto na teologia quanto na filosofia e tornando assim um pilar do humanismo não-religioso vigente na contemporaneidade.

Suas principais obras são: *Da razão, una, universal, infinita* (1828); *Pensamentos sobre morte e imortalidade* (1830); *Sobre a crítica da*

---

mana é constituída *intrinsecamente* (em sua própria natureza) por relações de trabalho e de produção de que o homem participa para prover às suas necessidades. A “consciência” do homem (suas crenças religiosas, morais, políticas, etc.) é resultado dessas relações, e não seu pressuposto. (Cf. ABBAGNANO, 1998, p. 652)

<sup>5</sup> Tanto em sua forma metafísica quanto na psicofísica, o Materialismo da metade do séc. XIX tem caráter romântico, pois não se limita a ser uma tese filosófica dotada de maiores ou menores possibilidades de confirmação, mas pretende ser doutrina de vida, destinada a vencer a religião e a suplantá-la. Essa pretensão confere a tais doutrinas um tom violentamente polêmico e profético, transformando a “Ciência” na nova tábua da verdade absoluta. Essa atitude recebeu o nome de *cientificismo* e constitui a vanguarda romântica da ciência do séc. XIX. (Cf. ABBAGNANO, 1998, p. 651)

<sup>6</sup> Cf. VAZ, 2000, p.125-126

<sup>7</sup> A esquerda hegeliana consistia em um grupo de jovens com inclinações radicais. Sua atitude em relação a Hegel era semelhante à atitude de Hegel em relação a Kant. Assim como Hegel via a doutrina da coisa-em-si de Kant como um fracasso para sustentar as implicações radicais de sua filosofia, também esses estudantes de Hegel viam sua aceitação do cristianismo, do Estado prussiano e das condições gerais de seu tempo como o fracasso de Hegel em sustentar as implicações radicais de sua filosofia. (Cf. SINGER, 2003, p. 113)

<sup>8</sup> Cf. FEUERBACH, 1989, p. 7.

*filosofia positiva* (1838); *Crítica da filosofia hegeliana* (1839); *A essência do cristianismo* (1841); *Sobre a apreciação do escrito “A essência do cristianismo”* (1842); *Princípios da filosofia do futuro* (1843); *Teses provisórias para a reforma da filosofia* (1843); *Lutero como árbitro entre Strauss e Feuerbach* (1843); *A essência da religião* (1846); *Fragmentos para a caracterização de meu Curriculum vitae* (1846); *Preleções sobre a essência da religião* (1851) e *Teogonia* (1857).

## A teologia como antropologia

Uma característica da teologia de Feuerbach é conceber esta como antropologia. Propõe uma “humanização do deus abstrato em favor de um projeto de emancipação humana. Trata-se de redescobrir as riquezas genéricas pertencentes ao homem que, invertidamente, foram atribuídas ao deus abstrato e ilusório”.<sup>9</sup> As riquezas genéricas, nesse caso se referem às riquezas, ou potencialidades do gênero humano. Para ele o homem projeta no Deus a sua essência que é composta de suas qualidades elevadas, seus anseios e amores. O homem se aliena de suas qualidades para atribuí-las a uma criação imaginária que ele dá o nome de Deus.<sup>10</sup> Os seres humanos criam os seus próprios deuses e assim afirma Feuerbach:

A religião é a cisão do homem consigo mesmo: ele estabelece Deus como um ser anteposto a ele. Deus não é o que o homem é, o homem não é o que Deus é. Deus é o ser infinito, o homem o finito; Deus é perfeito, o homem imperfeito; Deus é eterno, o homem transitório; Deus é plenipotente, o homem impotente; Deus é santo, o homem é pecador. Deus e homem são extremos: Deus é o unicamente positivo, o cerne de todas as realidades, o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades. [...] na religião o homem objetiva a

<sup>9</sup> Cf. HAHN, 2003, p. 67-68.

<sup>10</sup> Aqui é necessário explicar o que Ludwig Feuerbach entendia por alienação. Seria a alienação no sentido jurídico como explica Rubem Alves: Aqui alienação significa abandono voluntário de propriedade e transferência dela a outra pessoa. Referimo-nos, por exemplo, à alienação de bens. O que é alienar um bem? É abdicar de sua posse em favor de outro. De maneira semelhante o indivíduo isolado abandona aquilo que lhe pertencia de direito, ou seja, sua vontade e interesses particulares, em favor de uma vontade coletiva, pois somente através deste ato se instaura a ordem. (Cf. ALVES, 2006, p. 32)

sua própria essência secreta. O que deve ser demonstrado é então que esta oposição, que esta cisão entre Deus e homem, com a qual se inicia a religião, é uma cisão do homem com a sua própria essência.<sup>11</sup>

A humanidade, ao longo de sua existência na Terra, foi se alienando de sua essência, ou seja, de suas características essencialmente humanas e atribuindo-as a um ser onipotente. Aquilo que o ser humano desejava como virtude e valor, a essência do gênero humano, foi atribuído ao Deus. Depois deste processo de alienação humana e gênese divina a humanidade atribuiu um poder criador ao ente criado e fez-se predicado deste sujeito. E tudo que é virtuoso emana do ser moral que é em si essência e criação humana.

Deus é objeto apenas para os humanos e não para os animais justamente porque estes não têm um raciocínio sobre a sua própria imagem, ou seja, não tem consciência da sua existência. Essa diferença entre o ser humano e os animais afirma porque apenas os seres humanos são religiosos. O homem pensa Deus a partir de sua realidade e por isso imprime características antropomórficas ao divino. Se um animal irracional tivesse consciência de sua existência provavelmente seria religioso e o seu Deus seria feito à sua imagem e semelhança.

A forma como o homem antropologiza Deus é condicionada pelo valor atribuído à sua essência humana. Porque quanto valor tem a essência humana, terá também o seu Deus. Nesse sentido afirma Beckenkamp:

O processo de antropologização do sagrado deve ser levado até as últimas consequências, reconhecendo-se que o homem só atribui a Deus aquilo que considera divino em sua própria natureza. Assim, quando os cristãos deixam seu Deus assumir a natureza humana e agir como um homem, estão na verdade elevando à dignidade do divino a própria natureza e atividade humanas.<sup>12</sup>

Feuerbach ao dizer que a teologia nada mais é que antropologia afirma o contrário do Gênesis, segundo o qual Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. De acordo com Feuerbach, Deus é uma

<sup>11</sup> Cf. FEUERBACH, 2007, p. 63.

<sup>12</sup> Cf. BECKENKAMP, 2005, p. 22.

criação humana que é feita à sua imagem e semelhança. Isso acontece porque o ser humano, na tentativa de dar um significado para a existência do mundo, cria os seus mitos cosmogônicos e teogônicos. A narrativa do Gênesis tem lugar junto aos mitos de criação do mundo, encontrados em grande parte das religiões.

Para Feuerbach a forma de entender a teologia com maior clareza seria aceitá-la como antropologia, pois ela versa sobre a essência humana. Lima Vaz ao explicar sobre a antropologia de Feuerbach relata:

Na verdade, a antropologia feuerbachiana será uma “desmitologização” da teologia, operada por meio da reversão sobre o próprio homem da projeção imaginária da qual resultam a ideia de Deus e todas as representações da dogmática cristã. O antropocentrismo de Feuerbach será, pois, um antropoteísmo: o homem é o único deus para o homem, e os atributos de Deus que comparecem no discurso teológico cristão deverão, finalmente, construir a estrutura e a sequência do discurso antropológico. [...] define a religião como “a consciência da própria essência do homem”. Tanto a antropologia como a fisiologia (estudo da natureza) apresentam-se, assim, como herança e crítica da teologia em sua explicação do homem e do mundo.<sup>13</sup>

“A redução da teologia à antropologia é uma tentativa de análise crítica da própria religião, enquanto participação em uma organização social, que foi para o homem uma espécie de impedimento para o novo, o real, o concreto, o humano”.<sup>14</sup> A religião mascara a realidade humana e faz com que ele viva em um mundo de ilusão, pois o mundo real está no porvir. Essa postura desencoraja os seres humanos a irem à luta por um mundo melhor aqui e agora. A teologia, vista como antropologia, dá esperança de uma vida terrena melhor.

<sup>13</sup> Cf. VAZ, 2000, p. 126.

<sup>14</sup> Cf. HAHN, 2003, p. 66.

## Deus como projeção<sup>15</sup> do ser humano

A religião é constituída essencialmente a partir da criação de deuses que auxiliem o ser humano em suas necessidades. Portanto, são criados deuses que não incomodem os seres humanos em seus planos e desejos de realização. Os deuses não devem atrapalhar as suas alegrias. Desta forma os seres humanos buscam nos deuses, ou no caso cristão, no Deus, a ânsia de evitar sentimentos desagradáveis e proporcionar sentimentos agradáveis. Neste instinto de busca da felicidade, procuram no Deus o livramento dos males que afligem a humanidade e a proporção do bem. Os deuses são assim a segurança e a proteção criada pelos próprios seres humanos a partir de suas características humanas.

A essência divina não pode ser diferente da essência humana, pois Deus é visto como o ser da inteligência, da razão e entendimento. Esses predicados tão próprios da essência humana são atribuídos a Deus o que lhe confere uma união intrínseca com o ser humano. Deus torna, nesse sentido, a personificação da inteligência humana. A razão é o ser primevo, da qual emana todo conhecimento, da mesma forma é o Deus cristão conhecido como a inteligência suprema que cria tudo, inclusive a própria razão. A essência humana não pode crer em um Deus que contraria a sua razão. Disso conclui-se que Deus é uma necessidade racional.

O Deus é diferente do ser humano apenas na sua existência eterna, como afirma a teologia, mas é interessante que esse mesmo Deus seja humano. Além da razão, o Deus cristão também é visto como a personificação da moral. E para fundamentar tal enunciado é importante citar Feuerbach:

Na religião, principalmente a cristã, a qualidade racional de Deus que se salienta sobre todas as outras é a perfeição moral. Mas Deus

---

<sup>15</sup> PROJEÇÃO (inglês *Projection*; francês *Projection*; alemão *Projektion*; italiano *Proiezione*). Com este termo era frequente designar, na psicologia do século XIX, a referência da sensação ao objeto, graças à qual o objeto é localizado no espaço circundante, embora a sensação só ocorra no órgão do sentido. Quem mais contribuiu para o êxito desse termo foi Helmholtz (*Physiologische Optik*, 1867, p. 602). (Cf. ABBAGNANO, 1998, p. 800)

como um ser moralmente perfeito é apenas a ideia realizada, a lei personificada da moralidade, a essência moral do homem posta como essência absoluta – a própria essência do homem; porque o Deus moral exige do homem que ele seja como Ele próprio é: “Santo é Deus, deveis ser santos como Deus” – a própria consciência do homem, porque, caso contrário, como poderia ele tremer diante da essência divina, acusar-se diante dela, como estabeleceu-la julgadora de seus pensamentos e intenções mais íntimas?<sup>16</sup>

Aqui é chegado ao ponto determinante da afirmação humana na religião cristã, o mistério da encarnação do filho de Deus. A contemplação de Deus como um ser humano é prova cabal da origem humana da religião. O fenômeno da encarnação pode ser explicado como o endeusamento do homem e não o contrário como afirma a teologia. É o homem já estava em Deus e inclusive alguns teólogos reconhecem que a humanização de Deus teve como objetivo principal o endeusamento do homem.

O Deus personificado em Cristo também demonstra uma característica humana, o sofrimento. Deus se identifica com a humanidade através desse sofrimento. Deus é um ser com coração e por isso sofre sendo assim um exemplo de sentimento ou sensibilidade. Deus tem sentimentos e o sentimento é divino em si mesmo.

Em relação à pessoalidade de Deus, Feuerbach assegura que ela é percebida a partir da negação do indivíduo que afirma a existência divina, pois o homem nega a si mesmo para afirmar o seu Deus. O homem nega a sua essência para afirmá-la em seu Deus. Nesse sentido Feuerbach faz uma consideração:

Aqui é importante que observemos – e este fenômeno é altamente curioso, característico da mais íntima essência da religião – que quanto mais humano é Deus quanto à sua essência, tanto maior é aparentemente a diferença entre ele e o homem, i.e., tanto mais será negada pela reflexão sobre a religião, pela teologia, a identidade a unidade da essência humana e divina, e tanto mais será rebaixado o humano tal como ele é para o homem um objeto da sua consciência. O motivo é o seguinte: uma vez que o positivo, o essencial na concepção ou qualidade da essência divina é apenas

---

<sup>16</sup> Cf. FEUERBACH, 2007, p. 74.



o humano, assim só pode ser a concepção do homem como ela é objeto para a consciência uma concepção negativa, anti-humana. Para enriquecer Deus deve o homem se tornar pobre para que Deus seja tudo e o homem nada. Mas ele não necessita ser nada em si mesmo porque tudo que ele tira de si não se perde em Deus, mas é conservado. O homem tem a sua essência em Deus, como então poderia tê-la em si e para si? Para que seria necessário estabelecer ou ter uma coisa duas vezes? Tudo de que o homem se priva, que ele dispensa em si mesmo, só goza ele em Deus numa intensidade incomparavelmente maior e mais rica.<sup>17</sup>

Em seu discurso filosófico Feuerbach, mantendo ainda uma forte influência de Hegel, faz uma diferenciação entre a religião e a teologia. E nesse sentido explana Draiton Gonzaga de Souza:

Na argumentação de Feuerbach, pode-se distinguir um outro princípio de interpretação e redução, no qual se unem por uma parte, um conceito de religião originariamente hegeliano que é determinado pelo desenvolvimento da sua filosofia própria a partir da filosofia da religião de Hegel [...] e por outra parte, a história da religião e da teologia, do cristianismo, do comportamento do homem religioso. Trata-se, pois, de uma crítica prática da religião enquanto comportamento, sem esquecer, porém, o aspecto teórico ou teológico.<sup>18</sup>

Deus é, enfim, uma projeção da consciência genérica humana. Para exemplificar isto é útil observar o que o teólogo espanhol, Juan de Sahagún Lucas Hernández resume e interpreta como sendo o pensamento feuerbachiano:

Mais que rechaçar diretamente a Deus, Feuerbach manifesta o segredo da essência verdadeira do homem. Com este objetivo distingue entre a finitude empírica, que caracteriza o ser humano, e a infinitude radical a que tende por natureza. Imerso neste conflito, o homem projeta diante de si sua infinitude buscada, objetivando-a num ser imaginário e fictício, mera “representação” de suas tendências. Desta representação faz a Deus. É certo que os atributos divinos, compêndio de toda perfeição, existem realmente, mas não é um ser divino transcendente ao mundo, mas no homem mesmo

<sup>17</sup> Cf. FEUERBACH, 2007, p. 55.

<sup>18</sup> Cf. SOUZA, 1994, p. 61.

tomado em seu conjunto, o homem genérico. Deus não é outra coisa, senão, que o homem pretende ser, mas que não se encontra realizado no indivíduo, mas na espécie humana, na humanidade. Quando o homem toma consciência desta realidade, deixa se pensar em Deus e converte em Deus para si mesmo. O homem é Deus para o homem. “O que é primeiramente para a religião, Deus, é só a essência do homem que se objetiva... *Homo homini Deus*”. Como pode observar-se, não há rechaço da divindade e transcendência, mas mudança de sujeito. Onde antes se colocava Deus, agora há que colocar o homem.<sup>19</sup>

Parafraseando Hernández, desta forma Feuerbach desmascara a imagem idealista de Deus proposta por Hegel, denunciando-a como ilusão é produto da imaginação humana. Deus existe na realidade apenas como gestação da razão humana e projeção de sua essência transfigurada. É o mais humano dos humanos. Portanto há que transportar os atributos divinos para a sua órbita natural, que é o sujeito humano, colocando o homem onde a teologia coloca Deus.<sup>20</sup>

## A religião como criação imaginária

Deus é produto da imaginação<sup>21</sup> humana. A palavra imaginação neste sentido remete em geral, a possibilidade de evocar ou produzir

---

<sup>19</sup> Tradução livre do autor: “Más que rechazar directamente a Dios, Feuerbach intenta poner de manifiesto el secreto de la esencia verdadera del hombre”. Con este fin distingue entre la finitud empírica, que caracteriza al ser humano, y la infinitud radical a la que tiende por naturaleza. Inmerso en este conflicto, el hombre proyecta delante de sí su anhelada infinitud, objetivándola en un ser imaginario y ficticio, mera “representación” de sus tendencias. De esta representación hace a Dios. Es cierto que los atributos divinos, compendio de toda perfección, existen realmente, pero no en un ser divino trascendente al mundo, sino en el hombre mismo tomado en su conjunto u hombre genérico. Dios no es otra cosa, por tanto, que lo que el hombre pretende ser, pero que no se encuentra realizado en el individuo, sino en la especie humana, en la humanidad. Cuando el hombre toma conciencia de esta realidad, deja de pensar en Dios y se convierte en Dios para sí mismo. El hombre es Dios para el hombre. “Lo que es primero para la religión, Dios, es sólo la esencia del hombre que se objetiva... *Homo homini Deus*”. Como puede observarse, no hay rechazo de la divinidad y trascendencia, sino cambio de sujeto. Donde antes se ponía Dios, ahora hay que poner hombre”. (Cf. HERNÁNDEZ, 1994, p. 99)

<sup>20</sup> Cf. HERNÁNDEZ, 1994, p. 289-290.

<sup>21</sup> La imaginación es una facultad que opera de un modo regular, a modo de uma “suave fuerza”. Esta regularidad da origen a la creencia. Así, el conocimiento no depende de que

imagens, independentemente da presença do objeto a que se referem. Para justificar esta afirmação eis o que declara Feuerbach:

Todo Deus é uma entidade da imaginação, uma imagem, e na verdade uma imagem do homem, mas uma imagem que o homem coloca fora de si e concebe como um ser independente. Assim como o homem não cria seus deuses só para fazer poesia, sua fantasia ou poesia religiosa não é desinteressada, desprendida, assim também não é ela desmedida e ilimitada, mas sua lei, sua medida é o homem. A imaginação se regula de acordo com a qualidade essencial de um homem; o homem sombrio, medroso, assustado, cria para si seres e deuses terríveis em sua imaginação; mas o homem jovial, sereno, ao contrário, cria deuses serenos e amigáveis. Quão diversos os homens, tão diversas as criaturas de sua imaginação, seus deuses; podemos dizer inversamente; quão diversos os deuses, tão diversos os homens.<sup>22</sup>

Feuerbach afirma que a palavra fé é uma faculdade teórica religiosa muito usada no meio cristão. A fé nada mais é que imaginação, mas para os cristãos a fé transforma o que não é em um ser. No livro de Mateus 21,21 há uma passagem atribuída ao próprio Jesus dizendo aos seus discípulos: “Em verdade, eu vos digo, se um dia tiverdes a fé e não duvidardes, não somente fareis o que eu fiz com a figueira, mas até, se disserdes a esta montanha: sai-te daí e atira-te ao mar, isto acontecerá”.<sup>23</sup> Isso mostra que a fé traz à existência o que ainda não existe. Para a fé são possíveis os milagres e feitos supra-humanos.

Dentro desta lógica, Feuerbach interpreta a crença religiosa como imaginação e numa passagem das *Preleções sobre a essência da religião* afirma:

Deus, dizem os cristãos, não é um objeto dos sentidos, ele não pode ser visto nem percebido, mas não é também um objeto da razão, dizem pelo menos os cristãos ortodoxos, porque a razão só se baseia nos sentidos; Deus não pode ser provado, ele só pode ser crido, ou

---

“se pueda imaginar lo que se quiera”, pero la posibilidad de “imaginar lo que se quiera” refrendada por la costumbre de imaginar “lo que se suele imaginar” hace posible el conocimiento. (Cf. MORA, 1965, p. 913)

<sup>22</sup> Cf. FEUERBACH, 1989, p. 159.

<sup>23</sup> Cf. A BÍBLIA Tradução Ecumênica, 2002.

Deus não existe nos sentidos, na razão, ele só existe na fé, isto é, ele só existe na imaginação.<sup>24</sup>

A religião é considerada como poesia, pois concebe a realidade a partir da imaginação. O que difere a religião da poesia é que esta não necessita que se creia na existência do objeto imaginado enquanto que aquela faz necessária a crença no objeto da imaginação. A religião se baseia na palavra de Deus, mas “a palavra é uma imagem abstrata, a coisa imaginária ou, enquanto toda coisa é um objeto do pensamento, é o pensamento imaginado”.<sup>25</sup> Decorre daí que todos os predicados atribuídos a Deus são apenas palavras formuladas pela imaginação humana. Deus é pensado como o ser humano religioso deseja ou imagina que ele seja.

O Deus cristão não se revela nem se exprime através de imagens físicas, mas é crido e imaginado de forma abstrata através dos conceitos e antropomorfismos. Porque ao pensar Deus como uma imagem que o homem coloca fora de si e concebe como um ser independente, Feuerbach afirma que o Deus é condicionado à imaginação daquele que nele crê. Nesse caso, ao adorar a sua imagem como um ser independente o homem adora a sua própria essência e isso é egolatria.

## Considerações finais

De acordo com o texto de Feuerbach, não se pode concluir que a história bíblica do Antigo e do Novo Testamento é produto da imaginação humana, pois mesmo que personagens como Moisés e Jesus tenham existido na História, a história que é contada sobre eles é ficção. A fantasia não cria nada de si própria, ela precisa ter uma base histórica. A imaginação é que cria a imagem poética dos personagens e fatos históricos.

Não é negada a existência de um Jesus histórico, mas a existência de um Deus-homem, um Cristo da fé que realizou milagres, o seu nascimento virginal, a sua ressurreição, pois tais fatos são contrários à

<sup>24</sup> Cf. FEUERBACH, 1989, p. 153.

<sup>25</sup> Cf. FEUERBACH, 2007, p. 101.

racionalidade. Para Feuerbach a religião está baseada numa realidade imaginária que pretende ser real.

## Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- BECKENKAMP, Joãozinho. *Seis Modernos*. Pelotas: Editora Universitária/UFPeL, 2005.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Necessidade de uma reforma da filosofia*. Covilhã: Lusosofia: Press, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papyrus, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Princípios da filosofia do futuro*. Covilhã: Lusosofia: Press, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Teses provisórias para a reforma da filosofia*. Covilhã: Lusosofia: Press, 2008.
- HAHN, Paulo. *Consciência e emancipação: uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003.
- HERNÁNDEZ, Juan de Sahagún Lucas. *Dios, horizonte del hombre*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.
- MORA, José Ferrater. *Diccionario de Filosofía*. 5. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1965. 2 volumes.
- SINGER, Peter. *Hegel*. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- SOUSA, André Luís Bonfim. *A relação homem-natureza: Um paralelo entre Espinosa e Feuerbach*. 2009. 130f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- SOUZA, Draiton Gonzaga de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.
- VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2000. Volume I.